**Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial - Rio de Janeiro - outubro
2003**

Função Leitor:
Eduardo Leal Cunha

Tema 4
A Mediatização e o Horizonte do Espaço Virtual

A psicanálise, a mídia

Eu começo, naturalmente, agradecendo a presença de todos que estão aqui. Na platéia, na mesa, nos textos que foram lidos, nos debates prévios, etc. E agradecendo tal presença o faço não só para me referir aos que vieram, mas também ao que nos fizeram vir. Eu me refiro ao comitê executivo e todos aqueles que contribuíram para que este encontro ultrapassasse a virtualidade.

Estão aqui comigo as colegas: Ana Elizabeth Cavalcante, de Pernambuco; Nancy Hollander, dos Estados Unidos; Tânia Rivera, de Brasília.

Eu quero dizer também que nós vamos respeitar a ordem alfabética, então falarão: em primeiro lugar a Ana Elizabeth, depois eu, em seguida Mss. Hollander, e, no último bloco, Tânia Rivera.

Mas antes de passar a palavra a minha colega pernambucana, eu vou me aproveitar um pouco dessa virtual duplicação, dessa dupla função que ocupo, para colocar agora, na abertura dos trabalhos, algumas marcas desse encontro, ou desse desencontro, entre a psicanálise e a chamada “mídia”, que me parecem importantes destacar. São o que se poderia chamar numa certa tradição barthesiana, de traços ou figuras, mas que vou preferir, em respeito ao tema de nosso debate desta tarde, chamar de “imagens”.

Eu vou falar muito rapidamente sobre elas, quase como num comercial de TV, procurando talvez midiaticamente, seduzi-los. Uma espécie de popup, que vocês poderão minimizar na tela, deixar em suspensão, ocultar, deletar... mas que, de algum modo, eu faço questão de colocar à disposição dos que estão aqui presentes para pensar exatamente nesse encontro entre mídia e psicanálise que, para mim, se representa de modo muito preciso nessas imagens.

A primeira delas é a do silêncio. Silêncio que se enuncia no número relativamente pequeno de trabalhos – se a mídia nos cobre diariamente com seu excesso, com sua gritaria e seus incessantes murmúrios, por que diante dela, nós escolhemos o silêncio? O que estamos esperando? Ou o que esperamos que se revele, ou se oculte, com tal silêncio? Estaremos nós paralisados por algum pânico mortífero diante desse monstro terrível, guloso, que é a mídia? Ou simplesmente isso não nos interessa? Silêncio, esse particularmente barulhento, diante da Internet e do que se abre como uma série de possibilidades em torno do que são os meios de comunicação e de uma transformação do encontro das subjetividades com esses meios. Pergunto a vocês, se não estamos aqui escolhendo enfrentar, com a definição mais convencional de mídia, um inimigo conhecido, um vilão clássico? Ou se, tão simplesmente, não estamos recusando hospitalidade ao que é ainda desconhecido, mas que talvez se revele não um inimigo, mas um aliado poderoso.

A segunda imagem é a do estranhamento: como se nós nos pretendêssemos de algum modo estranhos à mídia, fora dela, fora do seu alcance. Estranhamento que traduziria talvez algum tipo de incompatibilidade – não nos esqueçamos que a midiatização, ao menos no nosso programa, envolve o declínio da psicanálise. Será que somos de essências diferentes, nós e os mediados? Vivemos em planetas diferentes ou, ao contrário, estamos submetidos aos mesmos códigos, aos mesmos meios? Não há nesse estranhamento, uma recusa à nossa familiaridade com a mídia? Não poderia revelar tal estranhamento algo do que temos de íntimo, ou algo que nós não podemos aceitar, na nossa intimidade?

A terceira imagem é a da generalidade. O encontro entre a psicanálise e os meios de comunicação está marcado pelo genérico, nunca pelo singular. A psicopatologia que um psicanalista enuncia em um programa vespertino trará quase sempre este sintoma – generalização – disso nós sabemos bem. Mas, nós também, ou muitos de nós pelo menos, quando nos debruçamos sobre a mídia parecemos perder de vista, ou não conseguir capturar o que ali se passa de singular. Colocamos no mesmo saco o programa do Ratinho e a Internet que impediu o apedrejamento de uma mulher nigeriana. Psicanálise, subjetividade, mídia. Aqui, tratar um ou outro desses termos no singular revela inversamente, uma generalidade. A mídia, como a subjetividade ou a psicanálise, ou mesmo o demônio, é plural.

Por fim, uma última imagem que eu gostaria de destacar é o que eu chamaria de anacronismo. O modo como a psicanálise diante da mídia, se vê fora de moda, fora do tempo. Mas também o fato de que tal falta de sincronia, revela a possibilidade de que a psicanálise possa estar fora da mídia, no sentido de que nos falou Joel ontem, como um pensamento do fora, ou uma heterotopia foucaultiana, revelando seus posicionamentos e abrindo novas possibilidades, tornando possível o movimento. Tal falta de sincronia nos traz também, numa implicação lógica banal, a recolocação do paradoxo, que nos entretém nesses dias – atualidade no psicanalisar. E um desafio: Pois se a mídia é talvez o que há de mais atual como pode a psicanálise ser atual mantendo no entanto tal anacronismo?

Para manter-me fiel ao tema da nossa mesa, e também buscando a fidelidade, que for possível, aos que enviaram seus textos, organizei a minha fala como uma sucessão de fragmentos, uma espécie de *tour* virtual, de *zapping*, por questões provocadas na leitura dos trabalhos. É claro que se estabelecem, em tal fragmentação, uma ordem e um sentido; mas eu tento deixar aqui mais explícito, o que seria de qualquer modo inevitável: a abertura para outras combinações, outros percursos e destinos.

Foucault, em algum momento, nos diz que aquele que fala, que traz o seu discurso, se coloca sempre como estando de um analista, que é o público. Aqui, tal sentimento, encontra-se por razões óbvias, potencializado. Trago a minha fala para a escuta de vocês, que são analistas.

Mas tal sentimento ou experiência tem aqui uma outra marca: a minha fala, como leitor, já deverá ser de algum modo o impacto da minha escuta diante de outros textos, também de analistas. Como se estabelecêssemos aqui um moto contínuo psicanalítico, e, para iniciar já uma aproximação ao tema da nossa discussão de hoje, criássemos uma sucessão de *hiperlinks*. Do tema sugerido pela comissão, aos trabalhos que foram enviados, via Internet, à leitura que deles é feita, sua transformação em outro texto, que por sua vez se torna agora a minha fala, se superpõe aos textos e falas dos colegas da mesa, e que vocês a seguir transformarão, eu espero, outras palavras, um novo texto, coletivo.

Tal movimento nos leva então a um pensamento, marcado por sua virtualidade, que aos poucos vai se escrevendo, e no qual aos poucos se perdem sua origem e seu fim, um texto onde a autoria já não é certa, marcado pela sucessão de falas e escutas que se encadeiam. Encontros e desencontros.

Eu gostaria, então, de nomear, os autores e os textos que estão no tecido da minha fala, os trabalhos que me foram encaminhados pelo comitê executivo. São eles:

“Anorexia e mimetismo: pré-conceito e terror”, de Silvia Fendrik

“O espetáculo como meio de subjetivação”, de Maria Rita Kehl

“Ensaio sobre o gesto analítico: do espetáculo à escrita”, de Tânia Rivera

“Big Brother Brasil e a psicanálise”, de Edelyn Schweidson

“Vigilância: apenas nos reality show?”, de Regina Abeche

“Os meios de comunicação como extensões do mal-estar”,
de Adriana Leite Santos

“Inventando corpos e/ou desvelando o erótico em inquietante devassidão:
o encantamento dolorido”, de Mirian Chnaiderman.

Se for necessário identificar um tema central ao conjunto desses trabalhos, seu ponto de encontro, eu diria que ele está, de modo mais ou menos visível, na noção de espetáculo. Como marca fundamental do mundo cotidiano, como forma de dominação, como generalização, banalização, homogeneização, destruição. Sobretudo como meio, e destino, para novos modos de subjetivação, para o bem, ou para o mal.

Espectáculo de imagens: ver e ser visto. Queremos desesperadamente aparecer na tela e tememos ser revelados na nossa intimidade por uma câmera, indiscreta. Somos vigiados, e legitimamos com nosso medo tal vigilância, alimento preferencial de todos os medos. Estar sempre atento. Para que nada de mal nos aconteça. Essa a mais eficiente forma de renúncia à liberdade: excluir do nosso campo o imprevisível, o surpreendente, o novo.

A mídia generaliza, banaliza. Revela a cada segundo sua incapacidade de lidar com o novo, o ininteligível. Em seu espaço, tudo deve ser entendido, reconhecido, bem comum. Não há lugar para o singular, nem para a multidão – alguém precisa instantaneamente, se reconhecer em cada imagem.

Na mídia, a banalidade do mal, da crueldade pós-moderna. Violência necessária, assassinatos em série. O jogo transformado em ensaio para o assassinio cotidiano, simbólico ou real, do outro.

Mas talvez não se trate de negar a possibilidade do jogo, mas de reinventá-lo, talvez mais propriamente como brincadeira. Reinventar o jogo, a mídia, a subjetividade.

Espectáculo também de multiplicação do sentido, e de seu esvaziamento. A mídia como lugar do debate, e espaço único lugar para a produção da

verdade, em um mundo no qual, no entanto, como diz Vattimo, já não lugar para a verdade, feito que é, apenas de interpretações.

Mas é essa, talvez a pretensão da Mídia, e, certamente, a sua armadilha. Acreditar no espaço midiático como produtor de verdade só será possível pela transformação desse espaço. Com a contaminação do espetáculo banal, homogeneizador pela arte, uma outra ordem da performance, o gesto do artista – que só se completa, como ato, no olhar do seu destinatário, no momento em que se faz escrita. Pelo resgate na fantasia, combustível necessário ao encantamento midiático, do seu alto poder – não iludir, mas criar.

Reconhecer o poder da mídia, a sua violência, sua capacidade de nos envolver, talvez seja apenas o primeiro passo para o enfrentamento. Mas será preciso reconhecer que tal poder e mesmo tal violência se dão, na maioria das vezes, pela via da sedução.

Tomar a mídia como um inimigo distante, representação unificada de um mal absoluto – o grande capital – pode ser apenas uma maneira curiosa de nos deixar seduzir pela esperança de que algo de grande e absoluto ainda exista, que nós não vamos nos perder na velocidade do *zapping*, na dispersão das cenas em um *clip* da MTV.

Sedução também moral. Diante do perigo midiático, da violência que invade nossa casa e ameaça nossas próprias crianças, devemos nós psicanalistas tornarmo-nos os moralistas de plantão, a reserva moral da Pátria, os juízes da cultura?

Podemos, ao invés disso, dessa opção pela moral, agir em tal enfrentamento, pós-moderno, ou ao menos tardiamente moderno, usando as armas teóricas que a psicanálise forjou há mais de 100 anos, mantendo assim a lealdade aos nossos pais?

Será que nada mudou? Em que medida nossas categorias – culpa, desejo, castração – ainda podem dar conta do que se passa em cada um de

nós, na solidão das nossas casas, diante da tela da TV? Podemos pensar na mídia como grande outro, mas para isso é preciso pensar que há ainda, tal outro, tão grande e absoluto, sobrevivendo à morte de Deus e do Homem.

Mas como, então, enfrentar a mídia? Quais as armas de que dispomos e como podemos usá-las? Pode tal enfrentamento dar-se de fora, na afirmação pura e simples de nossa exterioridade e do nosso anacronismo, pela via de uma interpretação distanciada ou da pretensamente inteligente desconstrução. Ou estar fora, nesse campo do pensamento do fora não seria aqui exatamente colocar dentro do espetáculo midiático o nosso fora, subvertendo o que antes era um pacífico interior?

Não, não creio que seja mais possível nos colocarmos fora da mídia, quando estamos nós, e nossos conceitos, nossas armas, já absorvidos e incorporados a seu arsenal, quando o discurso psicanalítico, abraçado pelos meios de comunicação de massa, perde seu vigor e transforma-se em discurso de poder. Como na assessoria de um psicanalista à produção do Big Brother; como no quadro do fantástico: “mas, afinal, quem é normal?”.

Diante da fragmentação, da dispersão, do caos espetacular dos nossos dias, qual será a nossa escolha? Reconstruir os limites entre passado, presente e futuro; ou mergulhar no instantâneo até o limite, a sua fronteira, produzindo então novos territórios subjetivos, novas formas de ocupação desses territórios?

Acredito que sim, será preciso que sejamos atuais, e que atuemos. Se a psicanálise ainda procura dar conta do sofrimento humano, é preciso saber antes de onde ele vem, a cada instante, como foi produzido, e onde foi parar: em que canal está passando agora.

Imersos no espetáculo, nas suas entranhas, agir. A arte, como a psicanálise, tem, como sua condição de possibilidade a potência de produzir, e de se realizar, no que podemos chamar de momentos de produção da verdade;

ou numa frase retirada de um filme: se a arte é uma mentira que possibilita a verdade, talvez seja assim também para a psicanálise.

Fazer retornar no espetáculo a criação. Em um cotidiano que reinventado, deixe revelar-se a morte e possibilite a vida. Uma passagem. De um espetáculo a outro, do banal ao singular, do objeto em série ao exemplo, da indiferença ao diferente. Em uma arte, ou uma psicanálise, que permita o reencontro com a pulsão, de corpo presente. Arte na qual se faça possível o choque amoroso entre os corpos, a sanguinolência sem sangue, o horror, o encantamento.

Para não nos esquecermos que no além da mídia, a imagem pode nos trazer a beleza.

Um amigo semiólogo me ensina que há textos que são janela, outros, parede. Paredes que barram o movimento naturalizado, que exigem o enfrentamento: desconstruir pacientemente, retirar tijolo por tijolo e utilizá-los em uma outra construção qualquer; ou tomar distância, ver, no além da parede, um outro horizonte, partir na direção do obstáculo e dar um grande salto, necessário. Se a televisão, para falar do que há de mais emblemático da mídia, é uma janela para o mundo; que a psicanálise possa ser, então, a sua parede.